

MARIA JERÔNIMA SOARES

A Dona Maria Jerônima Soares foi quem comandou uma das investidas caboclas de maior sucesso à região central do nosso Estado. Essas Entradas, pedaços de Bandeiras exploradoras de minérios, aconteceram com frequência e várias delas vinda do Sul das Minas Gerais.

Na época, as chamadas "terras desse mundo novo sem divisas", de fato, não guardavam sinais divisórios e quando os tinham, os tinham por escrituras lavradas, na maioria das vezes, sob a mira de garrucha ou de pesados subornos. Não se iludam com os documentos históricos.

Por volta de 1.850, pouco mais ou menos, saindo das bandas de São Simão e afastando-se dos perigos da Estrada Geral (caminho de São Simão a Cuiabá percorrido por Taunay), esta mulher tomou posse de todas as terras do baixo Tietê.

A Maria Soares, a Jerônima por apelido, pois fazia lembrar a Família dos Jerônimos, velhos rivais dos Leme, violenta e zelosa pela disciplina, carregava o estigma da castração como forma de impor a ordem e os princípios básicos da moralidade e decência.

Jerônima, ainda que mulher, foi ilustrada e sonhava com a fundação de um reino de extensas terras cultiváveis. Este seu desejo foi confidenciado, mais de uma vez, ao José do Congo, escravo negro que a acompanhou desde criança.

Comandou várias Entradas pelo sertão do Mato Grosso e destacou-se pela habilidade na lida com o ouro. Juntou fortuna.

A incursão por estas terras paulistas foi a sua derradeira jornada. Trouxe consigo grande e mesclado grupo de homens e mulheres, animais de tração, grande ferramental e um bom número de escravos negros e índios.

Maria Soares descendia de uma família portuguesa apaixonada pelos feitos de D. Sebastião, o Rei que desaparecera em combate contra os mouros, conforme registros na Torre do Tombo. Para uma sebastianista convicta "desaparecer em combate seria uma desmedida graça".

O Alferes Pedro Alves de Oliveira foi o fundador de Italiápolis, afirma o nosso historiógrafo, porém escarafunchando tudo o mais que disperso ficou pelo caminho, não concordamos. A Sra. Maria Jerônima Soares, esta sim, foi a Iniciadora, portanto, a Dona Maria foi a Fundadora.

Na verdade o Alferes, um rapagão charmoso, foi um esperto caçador de dotes e em 1.834, após engravidá-la, casou-se com a Maria Jerônima cuja família tinha posses nas Minas Gerais.

A Maria teve com o Pedro Alves 12 filhos dentro de um casamento sustentado a peso de ouro. Quando moça foi uma apaixonada e se mais filhos não teve deveu-se à imposição da natureza humana. Gravidez? Apenas uma por ano.

Com encantos de alferes e labioso, esse sertanista deixou suas marcas por onde passou, colaborando com muito amor e carinho com a densidade demográfica do nosso sertão.

A Maria Jerônima Soares, como todos os demais sertanistas, foi uma posseira, porém nunca uma "sem terra". Em 1.833 já havia posseiro por aqui como o caso do Sr. Francisco Pinto de Souza.

As origens de Italiápolis foram bem simples e extremamente pragmáticas. O Pedro Alves de Oliveira comprava e a Maria Jerônima Soares pagava. A coisa não mudou muito pelo que vemos, o marido compra e se transforma em "vulto histórico", a mulher paga e cai no esquecimento. Costumes bestas.

A troça correu entre os miúdos e diziam as más línguas que certa ocasião a Jerônima apanhou o marido em flagrante "cometendo um crime de amor", numa picada aberta nas proximidades donde hoje demora o Bairro do Leiteiro.

De fato havia uma pendência numa compra e venda de 16 alqueires de terra que deveriam ser anexados a Fazenda da Grama, porém com a morte do posseiro

proprietário, o Sr. Amaro José do Vale, pai do Pedro, o negócio não vingou.

A Maria desejou reabrir a negociação movida pelos encantos da aguada do "Córrego dos Caetanos", por ironia, "a paisagem encantada do crime".

Neste local histórico, num entardecer, o Alferes foi apanhado pela sua esposa e pelo fiel escravo José do Congo, "negociando" terras com uma das filhas do possessor Antonio Caetano da Silva.

O Córrego dos Caetanos, ainda hoje cheio de encantos afrodisíacos popularizou-se, possivelmente por esse motivo, como o "Córrego da Caetana".

Tal procedimento era punido com a castração. Com uma lâmina de fio fino extirpava-se totalmente o órgão e sobre a ferida deitava-se $\frac{1}{2}$ quilo de sal.

A paixão da Maria pelo marido salvou Italiápolis que por pouco e muitas lágrimas não teve um fundador castrado.

O Alferes foi salvo pela moça 'cedente' das terras. Uma punição envolveria as famílias e seguramente as negociações iriam por água abaixo.

A Maria Jerônima, zelosa de seus bens, preferiu ficar com os 16 alqueires e mais a aguada. Perdoou o marido.

A velha tradição foi preservada. Em Roma não se crucificava romano, em Italiápolis não se castrava 'legítimo'.